

Working Paper
CEsA CSG 204/2025

INSEGURANÇA E TERRORISMO NA REGIÃO DO SAHEL

Maria SOUSA GALITO

RESUMO

Se Terrorismo é violência política exercida sobre civis ou pessoas desarmadas, tanto pode ser empregue por um Estado autocrático, como ser instrumental na atividade subversiva de grupos paramilitares que procuram derrubar governos ou alterar o sistema vigente. É fenómeno distinto de guerra ou de guerrilha, embora possa ser recurso disponível num conflito híbrido que também inclua mercenários e milícias. O artigo confere exemplos de insegurança e de terrorismo no Sahel. Analisa grupos jihadistas que recorrem a atividades coercivas e que abusam de povos vulneráveis, conservadores ou fundamentalistas, com vista a alcançar objetivos político-religiosos, assim manipulando palcos estratégicos complexos, com repercussões desastrosas para o presente e para futuro dos países envolvidos. Recorreu-se a bibliografia secundária para a investigação e análise científica, procurando abordagem inovadora e multifatorial para explicar fenómeno difícil de erradicar no Sahel, pelas razões devidamente identificadas para o efeito.

Palavras-chave SAHEL, TERRORISMO, JIHADISMO, GUERRILHAS, INSEGURANÇA.

ABSTRACT

If terrorism is political violence against civilians or unarmed people, it can either be employed by an autocratic state, or be instrumental in the subversive activity of paramilitary groups seeking to overthrow governments or change the current system. It is a phenomenon distinct from war or guerrilla warfare, although it can be an available resource in a hybrid conflict that also includes mercenaries and militias. This article gives examples of insecurity and terrorism in the Sahel region. It analyses jihadist groups that resort to coercive activities, therefore abusing vulnerable, conservative or fundamentalist peoples in order to achieve political-religious goals, and thus manipulating complex strategic stages with disastrous repercussions for the present and future of the countries involved. Secondary bibliography was used for scientific research and analysis, seeking an

innovative and multifactorial approach to explaining a phenomenon that is difficult to eradicate in the Sahel, for the reasons identified.

Keywords SAHEL, TERRORISM, JIHADISM, GUERRILLAS, INSECURITY.

AUTORA

Maria SOUSA GALITO, Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2008). Investigadora do CEa/ISEG Research do ISEG-Universidade de Lisboa, maria.sousa.galito@gmail.com

Working Paper CEsA 204/2025

ISSN: 2975-9692

CEsA neither confirms nor informs any opinions expressed by the authors in this document.

CEsA is a research Centre that belongs to ISEG Research/ISEG - Lisbon School of Economics and Management, Universidade de Lisboa, a school dedicated to teaching and research which was founded in 1911. Founded in 1983, CEsA is a non-profit private institution, whose research team is composed of ISEG faculty, full-time research fellows, and faculty from other higher education institutions. Its object is the study of economic, social, and cultural development in developing countries in Africa, Asia, and Latin America, although it places particular emphasis on the study of African Portuguese-speaking countries, China, and Pacific Asia, as well as Brazil and other Mercosur countries. Additionally, CEsA also promotes research on other theoretical or applied topics in development studies, including globalisation and economic integration in other regions, either generally or across several regions. From a methodological point of view, CEsA has always sought to foster a multidisciplinary approach to the phenomenon of development, and a permanent interconnection between the theoretical and applied aspects of research. Furthermore, the Centre pays particular attention to the organization and expansion of research-supporting bibliographic resources, the acquisition of databases, and publication exchange with other research centres.

More Working Papers CEsA/CSG available at:

<https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/publicacoes/working-papers/>

CEsA – Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento (ISEG RESEARCH/ISEG/Universidade de Lisboa)

Rua Miguel Lupi 20, 1249-078 Lisboa

+351 21 392 5983

cesa@cesa.iseg.ulisboa.pt

SUMÁRIO

TABELAS.....	1
MAPA.....	1
GRÁFICO	1
Introdução	2
1. SEGURANÇA HUMANA	3
2. TIPOS DE VIOLÊNCIA.....	4
3. CAUSAS DO TERRORISMO NO SAHEL	7
4. ESTATÍSTICAS DO TERRORISMO NO SAHEL.....	15
Conclusão	20
REFERÊNCIAS.....	22

TABELAS

TABELA 1: TIPOS DE VIOLÊNCIA – PÁGINA 11

TABELA 2: ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO EM PAÍSES DO SAHEL – PÁGINA 16

TABELA 3: RANKING DO ÍNDICE DE TERRORISMO GLOBAL (2024) – PÁGINA 22

TABELA 4: ÍNDICE DOS ESTADOS FALHADOS/ FRÁGEIS DO SAHEL – PÁGINA 19

MAPA

MAPA 1: SAHEL – PÁGINA 14

MAPA 2: COEFICIENTE DE VARIAÇÃO DAS PRECIPITAÇÕES ANUAIS ENTRE 1901 E 2006 – PÁGINA 15

GRÁFICO

GRÁFICO 1: Nº ATAQUES TERRORISTAS NO NORTE DE ÁFRICA (2024) – PÁGINA 23

GRÁFICO 2: Nº ATAQUES TERRORISTAS NA ÁFRICA OCIDENTAL (2024) – PÁGINA 23

GRÁFICO 3: N.º FATALIDADES DOS ATAQUES TERRORISTAS NO NORTE DE ÁFRICA (2024) – PÁGINA 24

GRÁFICO 4: N.º FATALIDADES DOS ATAQUES TERRORISTAS NA ÁFRICA OCIDENTAL (2024) – PÁGINA 24

Introdução

O Terrorismo continua a ser fenómeno difícil de processar ou até de conceptualizar.¹ Tem sido instrumental em contexto de guerra, guerra civil ou de guerrilha. Balizá-lo pode depender de interpretações ideológicas, mais ou menos dominantes nos diferentes períodos históricos, em especial se for meio para atingir um fim, em contexto de luta assimétrica, reclamações autonómicas e irredentismo; para manter ou derrubar regimes políticos disfuncionais ou autocráticos. Mas o fenómeno devia ser fácil de identificar, por se tratar de violência extrema exercida, por razões políticas, sobre civis ou pessoas desarmadas².

No caso específico do terrorismo jihadista, realça-se a crueldade exercida por defensores de uma guerra santa contra infiéis não islâmicos ou traidores da causa. Visa disseminar a *sharia* (a lei islâmica) a nível regional, mas também internacional. Oportunisticamente instrumentaliza uma religião ancestral para obter fins políticos e religiosos.

O que pode justificá-lo? A expansão do Islão foi relativamente rápida no Norte de África no período dos Omíadas (séculos VII e VIII). A penetração desta fé na África Subsariana foi mais lenta, não só por causa de um Sahara impenetrável durante séculos, por as caravanas terem dificuldade em atravessá-la mesmo com guias locais experientes; mas também pelo domínio da religião cristã propagada por europeus até ao término dos seus impérios coloniais.³

¹ «Enquanto não houver um acordo generalizado sobre a substância do conceito (de terrorismo) os países terão dificuldade em processar aqueles que o perpetuam, e mesmo quando essas pessoas são julgadas e consideradas culpadas haverá sempre advogados que questionarão a justiça dessa convicção.» (Gross, 2006: 3).

² Cf. Sousa Galito, 2013: 4.

³ «Uma das mais influentes confrarias é a Qâdiriyya, fundada por Abd al-Qâdir al-QTiâni ou al-JTiân?, falecido em 1166 em Bagdade, onde se encontra o seu túmulo. (...) A sua ação é vasta nos países do Sahel africano. A Qâdiriyya e outras confrarias acompanharam com fervor missionário a rota dos muçulmanos que a partir da Arábia, do Egipto e do Magrebe islamizaram grande parte da África subsariana. (...) A partir do sul do Egipto passaram para o Sudão e África Central. No Magrebe acompanharam as rotas das caravanas que, na mira do ouro e dos produtos tropicais, atravessavam o deserto na direção do lago Chade, do curso superior do Níger e das bacias auríferas (ouro tiber) do alto Senegal e alto Gâmbia. Na África oriental a expansão islâmica fez-se, predominantemente, pela via marítima e, por isso, as conversões ocorreram na zona costeira onde existia abundância de minério, enquanto no ocidente a penetração foi terrestre, pelas pistas das caravanas e a conversão aconteceu, sobretudo, nesses territórios. Os europeus puderam, assim, cristianizar uma parte das populações das zonas próximas do mar que não haviam recebido, ainda, o apelo à oração (adân) do almoedão (muezzin) a ritmar as horas do quotidiano muçulmano.» (Farinha, 2003: 31)

Aqueles que se consideram jihadistas tendem, em pleno século XXI, a propagar a sua interpretação da *jihad*, normalmente associada a um conceito medieval de guerra santa; de combate aos Cruzados e que procura castigar supostos traidores que colaborem com eles.

Os jihadistas podem ser extremistas religiosos, capazes de recorrer à violência extrema contra civis para impor a sua maneira de ser e de estar, de forma unilateral. O que, na sua perspetiva, implica derrubar governos ou mudar regimes políticos. Mas entre eles também há oportunistas que se aproveitam da onda para benefício próprio.

Em África, os jihadistas atuam contra populações cristãs ou animistas, apelando à construção de mesquitas e de madraças, impondo indumentária conservadora às mulheres (exemplos: xadores, burcas, abayas, niqabs, hijabs⁴) e aos homens (exemplos: kandooras, gutras e turbantes⁵).

Mas o artigo procurará explicar, de forma mais aprofundada, os argumentos que apresenta na Introdução, recorrendo a autores credenciados e a estatísticas disponíveis nas principais fontes de informação.

1. SEGURANÇA HUMANA

No âmbito das Relações Internacionais, o estudo insere-se na esfera da *Segurança e da Defesa*. De facto, os povos apelam à paz e à concórdia com vista à sua sobrevivência. Costumam promover acordos quando há tensões internas ou junto às suas fronteiras. Mas há populações que se predispõem a lutar por ideais políticos, sociais ou religiosos, preferindo entrar em conflito a submeter-se a regras alheias.

O conflito armado pode gerar guerras ou guerras civis, se envolve exércitos. As guerrilhas surgem em palcos estratégicos assimétricos e mantêm as suas atividades enquanto dispõem de meios ou quando alcançam os

⁴ O xador cobre o corpo da mulher, mas deixa o rosto descoberto. A Burca cobre todo o corpo, embora possua rede junto aos olhos para que a mulher possa ver em seu redor. A abaya é um manto longo e leve. Hijab é um véu que cobre a cabeça. Niqab é um véu que cobre o rosto e o pescoço, menos os olhos.

⁵ Kandoora é uma túnica longa e solta. O turbante é um pano longo que envolve a cabeça dos homens. Gutra é um lenço na cabeça.

seus propósitos políticos. O terrorismo, todavia, gera medo e apenas afeta negativamente a vida das pessoas, pelo que estas tentam criar estruturas que possam defendê-las deste fenómeno.

A Organização das Nações Unidas (ONU) defende a não intervenção de países nos assuntos dos outros Estados. O objetivo é defender e preservar a Soberania, que está relacionada com a Independência dos povos. Ainda assim, o atual conceito de *Segurança Humana*⁶, desenvolvido desde o relatório de 1999 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁷ destaca o indivíduo como objeto de segurança, e não apenas o território ou o país. Confere relevância ao desenvolvimento humano sustentável e admite intervenção da comunidade internacional, através de missões da ONU, em países ou regiões onde haja desrespeito pelos Direitos Humanos.

Sob esta perspetiva, velar pela vida de populações acossadas, pode desafiar a Soberania⁸ nacional e as fronteiras políticas. Mas também permite obter recursos (meios humanos e financeiros) e tomar medidas preventivas (antiterrorismo) ou corretivas (de contra-terrorismo) que salvem os mais vulneráveis do puro ódio político ou religioso, em países como os do Sahel onde há baixos índices de governabilidade.

2. TIPOS DE VIOLÊNCIA

O artigo insere-se na área científica da *Segurança e da Defesa*. Temos, pois, que as populações sentem-se inseguras em contexto de Guerra ou de Guerrilha, quando há grupos terroristas a ameaçar pessoas, mas também sob a influência de mercenários e de milícias. Quais as diferenças?

⁶ «A segurança humana é um conceito que propõe à comunidade internacional que se substitua ao Estado quando este não promova os fins teleológicos à sua população: a segurança, o desenvolvimento, a justiça e o bem-estar. Defende que os direitos humanos se devem sobrepor ao princípio da não ingerência nos assuntos internos dos Estados. Defende também o direito e o dever de ingerência humanitária quando as populações estão em perigo e o Estado não pode ou não quer cumprir o seu dever de proteção.» (Escorrega, 2009: 10)

⁷ Cf. PNUD, 1999: 36.

⁸ «Um elemento a ter em consideração como fundamental na constituição estatal é a soberania, vista como o poder soberano do Estado, num determinado território com a capacidade de criar e fazer cumprir leis. No ocidente, com a evolução do conceito do Estado, o conceito soberania também evoluiu. Independentemente de não existirem um modelo de soberania fixa, assim como de Estado, podemos afirmar que a ideia de Estado e da sua soberania, baseia-se na divisão tripartida do poder legislativo, executivo e judiciário.» (Rotaru, 2023: 17)

A Tabela 1 resume os principais tipos de violência que são analisados no texto, levando em consideração a motivação ou o que lhes serve de justificação. O objetivo é explicar que o fenómeno do Terrorismo é um fenómeno específico, que deve ser explicado e contextualizado, para ser mais fácil de identificar e de combater ou de condenar juridicamente.

Tabela 1: Tipos de Violência

Índole	Categoria	Tipologia
Política	Agentes estaduais Agentes não estaduais	Guerra; Terrorismo de Estado; Guerrilha; Terrorismo
Económica	Agentes não estaduais	Mercenários Máfias; Cartéis;
Social	Agentes não estaduais	Milícias; Delinquência; Holiganismo

Fonte: Autora (baseado em Moser, 2004: 2)

A Guerra é um conflito armado entre dois ou mais países. Resulta do confronto armado entre dois ou mais exércitos, no decurso de uma invasão ou em defesa de um território acossado por outro. No caso da eliminação física de um determinado povo, o Direito Internacional considera-o crime de genocídio. Os crimes contra a humanidade, praticados no decurso do conflito entre dois ou mais Estados, estão definidos por lei.

No âmbito da polemologia (estudo da Guerra), o instinto de agressão dos seres humanos ou o Darwinismo da sua matriz animal, podem justificar a tensão entre exércitos de países beligerantes. Para o efeito também pode contribuir o patriotismo exacerbado de Estados-Espetáculo que promovem manifestações de força (tais como grandes paradas militares ou testes de armamento) como estratégia de dissuasão do inimigo (percecionado ou real); campanhas militares que servem para esconder problemas governamentais internos e unir povos em torno de uma liderança até então contestada; ou que defendem o imperialismo através da conquista de território alheio. Quando o país investe numa corrida ao armamento ou já possui um *lobby* no setor industrial-

militar, pode conduzir populações inteiras para a guerra. As quais são mais propensas a alistar-se em períodos de escassez ou de fome, quando sentem que não têm nada a perder e o ataque é a melhor defesa. Em situações extremas, um Estado pode recorrer ao terrorismo em contexto de guerra.

Também uma guerrilha pode empregar o terrorismo, mas não é a sua principal atividade. Os seus combatentes são paramilitares porque não pertencem ao exército de um país, pelo que dispõem de menos meios, mas mais flexibilidade para se esconder entre os hospedeiros, ou seja, das populações que os acolhem.

Mercenários são combatentes a soldo, ou seja, lutam porque são pagos para o efeito. Podem ser recrutados por um Estado ou disponibilizar serviços às guerrilhas. Mas a índole é oportunista.

Milícias são grupos de cidadãos sob uma liderança *ad hoc*, que normalmente não recebem dinheiro e que se juntam, circunstancialmente, para resolver alguma urgência ou pendências específicas que afetam uma aldeia ou uma vila ou uma comunidade que perdeu a confiança no Estado para a defender ou garantir a sua segurança.

Militares, guerrilheiros, mercenários e milicianos podem incorrer em práticas terroristas se e quando agirem sobre indivíduos ou populações indefesas para levar à queda de um governo, ou mudar o regime político em que outra elite suba ao poder (por exemplo, religiosa) e, assim, altere as dinâmicas sociais dominantes naquele país ou comunidade.

Como as máfias ou cartéis de droga praticam crimes por razões económicas, a violência que exercem não se insere na categoria de terrorismo.

Os *gangs* (bandos ou quadrilhas) de rua tendem a ser formados por delinquentes que vandalizam património por motivos fúteis ou por rivalidade territorial. Embora alguns possam ser instrumentalizados por máfias.

Seja como for, todos os grupos que traficam drogas, armas, pessoas ou órgãos humanos, por razões económicas ou oportunistas, não são intitulados “terroristas”, porque não são motivados por razões políticas.

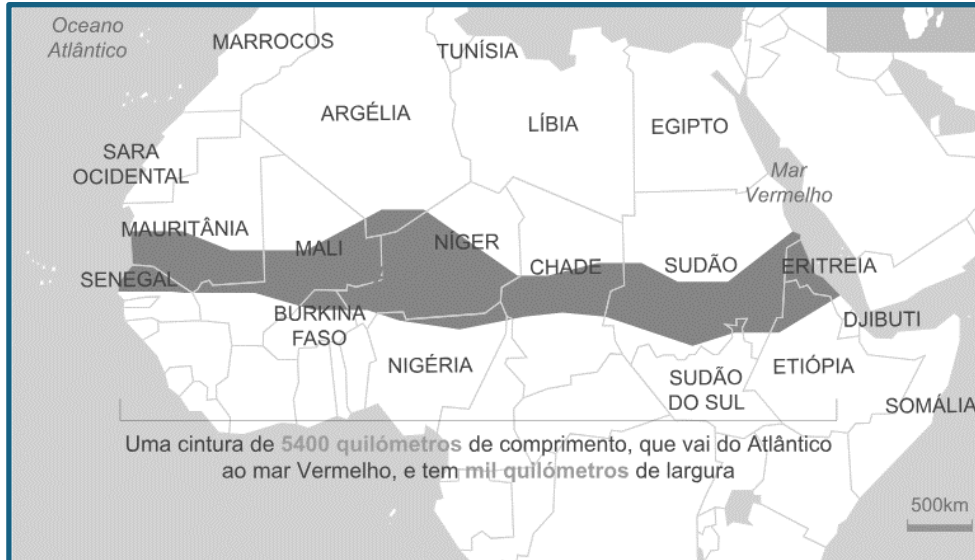
O mesmo raciocínio se aplica ao holiganismo, que se reporta a violência em contexto desportivo, essencialmente apolítico, por muito que gere confusão e perturbe a segurança das populações e a paz social. Este exercício de diferenciação visa identificar o que é o terrorismo e a distingui-lo de outros tipos de crime. Para ser mais fácil identificar grupos armados que se dedicam a atividades ilegais e perigosas, mas também desestabilizadoras, por serem subversivas e apanharem as vítimas de surpresa, por razões políticas, recorrendo a meios e fins anti-sistémicos, enquanto sabotam a sociedade através de ataques a civis e pessoas desarmadas.

3. CAUSAS DO TERRORISMO NO SAHEL

O Terrorismo que ocorre no Sahel tem causas históricas e produz efeitos duradouros. A sua prática é milenar, pois não se trata de fenómeno recente. Mas perpetua-se numa região com problemas identificáveis de difícil resolução. Procura-se explicar porquê.

O Sahel atravessa o continente africano de Este a Oeste entre o Senegal e a Eritreia; ou entre o sul da Mauritânia e o norte da Etiópia. Os limites desta língua árida são discutíveis, mas incluem geralmente território nevrálgico de países como o Mali e o Níger, o sul da Argélia, o norte da Nigéria, e parcelas do Chade e do Sudão do Norte (consultar Mapa 1).

Mapa 1: Sahel



Fonte: Reis (2017)

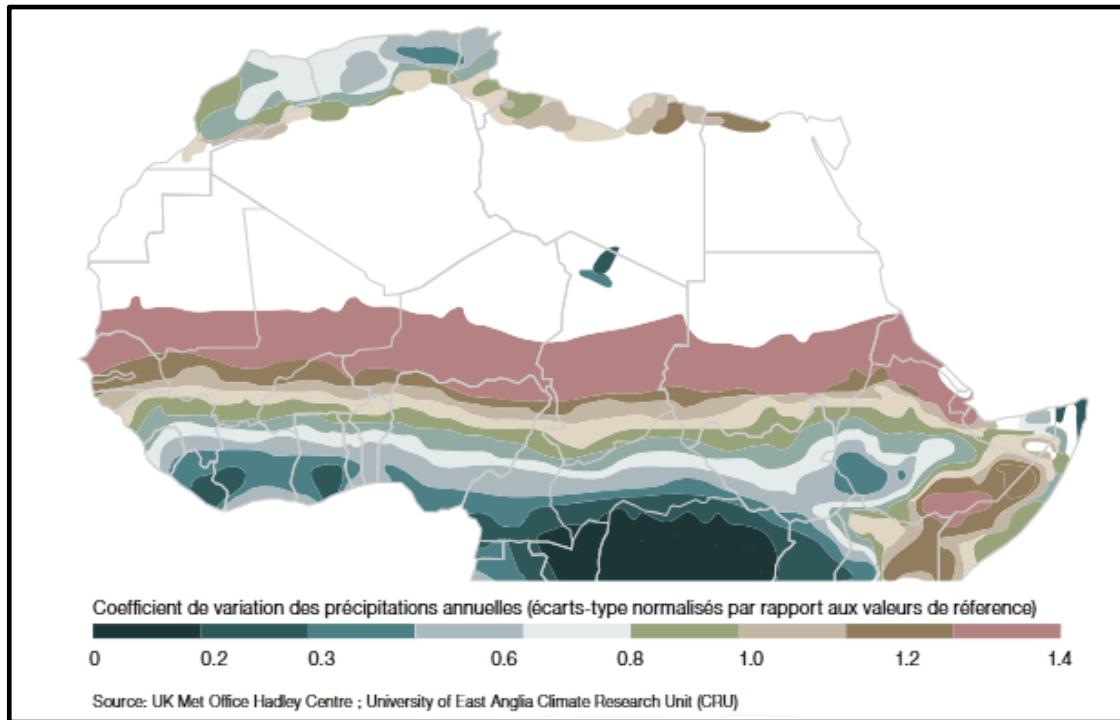
Como se comprova pelo Mapa 1, o Sahel atravessa o deserto do Sahara.

O Sahel cobre, com o seu manto agreste, povos maioritariamente pobres que sobrevivem sob condições humanas e climatéricas adversas. Na região há baixa pluviosidade, longos períodos de seca e pouca água potável; há tensões recorrentes no acesso a recursos naturais ou por rivalidades étnicas, em áreas onde as instâncias públicas têm pouca supervisão ou alcance⁹.

O Sahel corresponde, grosso modo, ao espaço onde menos chove no continente africano (espaço a vermelho identificado no Mapa 2).

⁹ «Alguns artigos consideram as divisões étnicas como uma das causas da fragilidade dos partidos políticos em África. Argumenta-se ainda que a falta de divisões de classe e a ausência de uma forte sociedade civil levou os partidos políticos africanos a estabelecerem-se com base em padrões étnicos. (...) Na Etiópia, embora o governo imperial Haile Selassie proibisse a formação de todos os tipos de partidos políticos, os partidos étnicos foram formados no exterior e travaram a luta armada no país.» (Teshome, 2008: 801).

Mapa 2: Coeficiente de Variação das Precipitações Anuais entre 1901 e 2006



Fonte: Bossard (2014: 34).

Portanto, o Sahel é uma região árida, seca, onde os solos são pouco férteis e à tradição de transumância. Possui povos nómadas como os Tuaregues, que não são fiéis às fronteiras oficiais (pois circulam entre países como o Mali, o Níger e a Argélia, mas também Marrocos e Líbia) e que continuam a comercializar os seus produtos ao longo das antigas rotas dos camelos e dos dromedários. Neste contexto, o roubo de gado¹⁰ e os conflitos territoriais são recorrentes.

¹⁰ «Por exemplo, no Mali, o roubo de gado aumentou significativamente devido à escalada do conflito e a uma campanha do IS-Sahel no final de 2022 para expandir o seu território.» (IEP, 2024: 5)

Estes exemplos procuram ser alusivos para uma realidade social complexa com efeitos económicos. De facto, os países do Sahel constam, ano após ano, das listas de países com baixos índices de desenvolvimento humano¹¹. O que é possível constar na Tabela 2.

Tabela 2: Índice de Desenvolvimento Humano em países do Sahel

Países	2011	2024
<i>Senegal</i>	155	Pior 169
<i>Nigéria</i>	156	Pior 161
<i>Mauritânia</i>	159	Pior 164
<i>Sudão (do Norte)</i>	169	Pior 170
<i>Sudão do Sul</i>		Pior 192
<i>Etiópia</i>	174	Pior 176
<i>Mali</i>	175	Pior 188
<i>Eritreia</i>	177	Melhor 175
<i>Burkina Faso</i>	181	Pior 185
<i>Chade</i>	183	Pior 189
<i>Níger</i>	186	Pior 189

Fonte: UNDP (2011, 2024)

Os baixos índices de desenvolvimento humano possuem várias causas. Mais recentemente, podem invocar-se as consequências da crise internacional de 2008, que gerou fenómenos como a chamada “Primavera Árabe”. É verdade que este movimento político-social, de revoltas e até de revoluções, permitiu a queda de ditaduras que duravam há décadas.

¹¹ Cf. Sousa Galito, 2013: 3-5.

Na Tunísia, por exemplo, Ben Ali governava há 23 anos quando partiu para o exílio em janeiro de 2011. Tal ocorreu um mês após o suicídio do mártir Mohamed Bouazizi, um vendedor de frutas que se imolou no próprio fogo a 17 de dezembro de 2010), cuja imolação serviu de rastilho à “Primavera Árabe” e elevou os já intensos fluxos migratórios provenientes de África em direção à Europa, com entrada privilegiada através de Lampedusa.¹²

No Egito, Hosni Mubarak subira ao poder em outubro de 1981, mas renunciou ao cargo a 12 de fevereiro de 2011, após manifestações violentas nas ruas da capital.

O caso mais dramático foi talvez o da Líbia. Muammar Khadafi governava o país desde 1969. Resistiu até outubro de 2011, até ser capturado e torturado por rebeldes. A sua ditadura fora muito criticada, por ser detestada pela maioria da população. Mas, desde então até à atualidade, o país ainda não conseguiu proporcionar uma solução pacífica, estável e verdadeiramente democrática ao seu povo.

A “Primavera Árabe” gerou caos e desespero, registando violência extrema sobre populações indefesas. Intensificou os fluxos migratórios na região do Magrebe e do Sahel, sobretudo de sul para norte, com destino à Europa. Mas esta sangria de capital humano depauperou o Sahel que, assim, perdeu parte significativa de trabalhadores no seu mercado de trabalho, nem sempre com contrapartida financeira ao nível de remessas de emigrantes. Também se sabe que muitos acabaram vítimas de tráfico humano ou morreram a atravessar o Mediterrâneo de barco. Outros não fugiram, ou regressaram à sua terra, e ingressaram nas fileiras de *gangs*, máfias, milícias, mercenários ou até guerrilheiros. Os mais perigosos passaram a invocar a guerra santa islâmica (*Jihad*), ao estilo medieval, para obter fins políticos, tais como a mudança de governo e a disseminação da lei islâmica (Sharia).

¹² «A rota de imigração ilegal que se tornou mais movimentada na já conhecida “Primavera Árabe”, foi a rota do Mediterrâneo Central, onde podemos encontrar Lampedusa, a ilha italiana do Mediterrâneo. Esta ilha, que tem cerca de 5.000 habitantes e vive sobretudo da agricultura e da pesca, está situada a cerca de 150 km da Tunísia e foi um dos locais de eleição para a grande maioria das débeis embarcações, cheias de passageiros clandestinos.» (Marcelino, 2012: 67)

A “primavera Árabe” pode ter destabilizado o Sahel, mas as causas dos baixos índices de desenvolvimento da região são antigas, longevas e difíceis de resolver. Até porque estes povos pouco se identificam com as atuais raiais dos países pelos quais circulam. As fronteiras são herdeiras de um processo e negociação entre representantes de impérios europeus presentes na Conferência de Berlim de 1884/85.

Estas fronteiras herdadas¹³ não foram modificadas após a conclusão dos processos de independência, por a própria União Africana incentivar à sua manutenção para evitar o acirrar dos conflitos num continente que precisava de se desenvolver economicamente.

O que não impediu o Sudão de se dividir em dois, primeiro através da assinatura do Tratado de Naivasha de 9 de janeiro de 2005 que terminou com a II Guerra Civil sudanesa e conferiu autonomia ao Sudão do Sul que se tornaria, por fim, independente a 9 de julho de 2011.

Porém, não foi apenas uma questão de fronteiras herdadas do colonialismo. Algumas elites locais oportunistas obtiveram ou mantiveram o poder recorrendo a aliados alternativos aos europeus que os haviam colonizado (tais como os EUA e a URSS que dominaram durante a Guerra Fria, ou atualmente a China) e a ideologias políticas¹⁴ que não eram compatíveis com as culturas africanas que tentavam renascer ou reestruturar-se. O que pode ter contribuído para soberanias frágeis ou de independências falhadas (cf. Tabela 4).

¹³ «(...) a exploração do interior e a colonização de África, embora o continente fosse conhecido muitos séculos antes do Mundo Novo, só muito tardiamente se realizou, a partir de meados do século XIX, em contraste com o que aconteceu nas Américas. África só teria a sua ocupação praticamente concretizada após o acordo conseguido entre as potências europeias na Conferência de Berlim, em 1885. (...) A divisão da quase totalidade da região subsaariana de África pelas potências europeias, a partir da Conferência de Berlim, fez-se essencialmente à custa das estruturas políticas que existiam antes da chegada dos europeus.» (Saraiva, 2019: 109)

¹⁴ «Os países africanos são os que mais engrossam as fileiras dianteiras da lista de Esta dos falhados. (...) Muito ficou por fazer após a independência da maior parte dos países subsaarianos. Para além da retirada das elites intelectuais e económicas que estruturavam o território quando era colónia, os novos Estados viram-se a braços, muitas vezes, com a separação da sua antiga metrópole e de todo o sistema económico que ela suportava. Também não houve, em muitos casos, uma transferência cuidada para os novos poderes nem se criou um sistema político adequado a cada caso. Na maioria das vezes, a ajuda à libertação veio em conjunto com a imposição de um modelo socialista que não correspondia nem aos sistemas políticos tradicionais – que foram mantidos, em muitos casos, em simultâneo com a administração colonial –, nem à estrutura política organizada pela potência colonizadora.» (Id. Ibid.: 114)

Tabela 4: Índice dos Estados Falhados/ Frágeis do Sahel

<i>Países</i>	<i>Ranking 2011</i>	<i>Total 2011</i>	<i>Ranking 2024</i>	<i>Total 2024</i>
<i>Sudão (do Norte)</i>	3º	108,7	Pior 2º	109,3
<i>Sudão do Sul</i>			3º	109,0
<i>Chade</i>	2º	113,4	Melhor 10º	102,7
<i>Nigéria</i>	14º	99,9	Melhor 15º	96,6
<i>Etiópia</i>	20º	98,2	Pior 12º	98,1
<i>Níger</i>	15º	99,1	Melhor 19º	95,2
<i>Eritreia</i>	28º	93,6	Pior 26º	92,1
<i>Mauritânia</i>	42º	88,0	Pior 34º	87,0
<i>Burkina Faso</i>	37º	88,6	Pior 21º	94,2
<i>Senegal</i>	85º	76,8	Pior 70º	74,2
<i>Mali</i>	76º	79,3	Muito pior 14º	97,3

Legenda: o primeiro lugar equivale à mais baixa governabilidade e quanto mais elevado o total pior. Fonte: Fundo pela Paz (2011, 2024)

A falta de governabilidade resulta do abuso de poder de lideranças autocráticas ou musculadas, mesmo quando eleitas (sobretudo se as elites subiram ao poder após escrutínio fraudulento e se mantêm no poder através da violência, da opressão ou da tortura).

Mas também é possível debater se o modelo democrático com origem na Grécia e na Roma antigas, reformulado após a Revolução Francesa e, no séc. XXI, e atualmente exportado pelos EUA ou pela União Europeia, é ou não, de fácil implementação no Sahel¹⁵, uma região onde domina a “cultura do chefe”; onde pouco se valoriza a rotatividade no poder.

¹⁵ Cf. Sousa Galito, 2019: 15.

Alguns argumentos que possam ajudar a fundamentar esta hipótese. Primeiro porque no Sahel grassa a poligamia. Este tecido social é menos constituído por famílias, e mais por tribos ou aldeias hierarquicamente lideradas por um chefe que determina o destino dos indivíduos que estão sob a sua influência ou as suas regras.

De facto, nos povoados maioritariamente muçulmanos, há mestres religiosos que espalham o Islão¹⁶ e chefes tribais com mais do que uma esposa. A poligamia masculina é permitida pelo Alcorão¹⁷, cujo texto sagrado permite aos homens casar com um máximo de quatro mulheres, desde que as possa providenciar a elas e aos filhos em comum.

O chefe da tribo não é substituível, a não ser na morte, e todos lhe devem obediência. O sistema é hierárquico, clientelista e funcional, em que todos sabem mais ou menos qual é o seu papel em sociedade e o que devem fazer para serem bem aceites na comunidade em que se inserem.

O equilíbrio sociopolítico resulta da balança de poderes entre os líderes destas tribos, que se organizam de forma a proteger o tecido social e as fronteiras do seu território. Nesta lógica, a rotatividade do poder, típica dos regimes democráticos, nem sempre é bem aceite, porque um chefe não abdica do seu poder dentro da tribo e tende a proteger a sua posição nas relações interpares.

Na cultura animista, ancestral na África Subsariana, proliferam as aldeias, centradas num soba (ou equivalente) que tem descendência de múltiplas mulheres. Há homens com cerca de cinquenta parceiras ou cem filhos¹⁸.

¹⁶ «A confraria (tariqn) começava pelo ensino de um mestre, cuja reputação atraía um grupo mais ou menos numeroso de discípulos. Se a conjuntura era favorável e a fama do mestre aumentava, a sua doutrina e o exemplo da sua vida espalhavam-se por lugares próximos e depois, progressivamente, por outros mais afastados, aproveitando as deslocações frequentes dos muçulmanos e a necessidade do comércio. Muitos membros das confrarias tomaram-se verdadeiros missionários e obtiveram um grande número de adesões ao Islão, graças à facilidade da conversão e à ausência de fiscalização da ortodoxia da prática religiosa muçulmana.» (Farinha, 2003: 30-31)

¹⁷ «Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, então, com uma só, ou conformar-vos com o que tender à mão. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças.» (Alcorão, 4ª Surata “Em nome de Deus, o Clemente, O Misericordioso”, versículo 3, p. 32).

¹⁸ Em abril de 2020, faleceu um soba angolano que pode servir de referência para o que seria uma sociedade de aldeia na África Subsariana: «O homem com mais filhos do mundo, Belionguenjha Francisco Sabalo Pedro, ou “Tchikuteny”, como era conhecido, morreu (...) tinha 72 ou 69 anos, um número que varia, da mesma forma que os filhos. O que é certo, é que teve mais de 150 e deixou 42 mulheres. Morreu devido a um cancro na próstata. Vivia nos arredores da cidade de Moçâmedes, na província do Namibe. Apesar na incerteza no número exato de descendentes de Tchikuteny, sabe-se que está

Estes líderes tendem a subir ao poder pela lei do mais forte, ou por serem considerados os mais sábios da comunidade. Mantêm-se como chefes até morrerem ou serem desafiados por um líder jovem que os vença. Estes povos estiveram sob influência europeia de matriz cristã durante alguns séculos, mormente junto à costa, pelo que alguns dos seus membros já se constituem em famílias, mas no interior do continente africano, a tradição ainda é o que era.

As sociedades tribais ou de aldeia podem gerar conflitos decorrentes da constante disputa territorial ou da reivindicação no acesso a recursos naturais e às principais fontes de financiamento; à água potável ou à terra arável.

Neste capítulo, portanto, procuraram-se identificar algumas das principais razões que poderão estar a contribuir para as dificuldades que o Sahel atravessa. Os quais possam justificar a revolta das populações que, em casos extremos, admitem recorrer ou apoiar atividades terroristas como única solução que lhes resta para resolver os problemas que os assolam; mas que apenas lhes limitam o progresso e o desenvolvimento económico e político dos seus países e da região no seu todo.

4. ESTATÍSTICAS DO TERRORISMO NO SAHEL

Os terroristas abusam de civis por razões políticas e as suas atividades proliferam em contextos de crise. Aproveitam-se das dificuldades existentes e agarram oportunidades onde há falta de governabilidade ou elevados índices de corrupção ou promiscuidade entre o poder político, as forças de segurança e agentes subversivos da sociedade.

Os países que registam mais ataques terroristas no mundo constam da Tabela 3, que se segue. A lista, que se reporta ao *Índice de Terrorismo Global* do ano de 2024, era encabeçada por um país que fica localizado no Sahel:

sempre acima de 150. Há relatos de ter tido 166, como contou a RTP em 2019; ou 154, como contava o Público em 2014, sendo que os números até chegam a 243, como noticiou a Euronews em 2019 (terão morrido mais de 80 ao longo dos anos). Ao todo, o agregado familiar de Tchikuteny era composto por cerca de 580 pessoas, incluindo as 42 mulheres, os filhos, netos e bisnetos.» (Machado, 2020)

o Burkina Faso. O Mali, da mesma região, figura em terceiro lugar. Em 8ª a Nigéria e em 10º o Níger. O Chade posiciona-se no 21º lugar, que desceu um lugar em relação ao ano anterior.

Tabela 3: Ranking do Índice de Terrorismo Global (2024)

RANK	COUNTRY	SCORE	RANK CHANGE	RANK	COUNTRY	SCORE	RANK CHANGE	RANK	COUNTRY	SCORE	RANK CHANGE
1	Burkina Faso	8.571	↑ 1	28	Thailand	4.219	↓ 5	55	Spain	1.669	↑ 5
2	Israel	8.143	↑ 24	29	Türkiye	4.168	↓ 8	56	Lebanon	1.562	↓ 5
3	Mali	7.998	↑ 1	30	United States of America	4.141	↓ 1	57	Australia	1.475	↓ 2
4	Pakistan	7.916	↑ 3	31	Indonesia	3.993	↓ 7	58	Italy	1.447	↓ 4
5	Syria	7.890	↔	32	Bangladesh	3.317	↑ 14	59	Central African Republic	1.445	↓ 2
6	Afghanistan	7.825	↓ 5	33	Sri Lanka	3.072	↓ 2	60	Saudi Arabia	1.366	↑ 5
7	Somalia	7.814	↓ 4	34	Greece	3.028	↓ 1	61	Argentina	1.274	↓ 3
8	Nigeria	7.575	↔	35	Russia	3.016	↑ 8	62	Ethiopia	1.272	↓ 3
9	Myanmar	7.536	↔	36	Tunisia	2.914	↑ 4	63	Kosovo	1.218	↑ 28
10	Niger	7.274	↔	37	Germany	2.782	↓ 2	64	Japan	1.189	↔
11	Iraq	7.078	↓ 5	38	France	2.647	↓ 4	65	Venezuela	1.174	↓ 13
12	Cameroon	6.98	↓ 1	39	Libya	2.469	↓ 7	66	Slovakia	1.092	↓ 5
13	Democratic Republic of the Congo	6.514	↑ 1	40	Burundi	2.434	↓ 4	67	Mexico	1.04	↑ 1
14	India	6.324	↓ 1	41	United Kingdom	2.373	↑ 3	68	Austria	0.953	↓ 5
15	Mozambique	6.267	↓ 3	42	Tanzania	2.267	↓ 3	69	Tajikistan	0.871	↓ 16
16	Colombia	6.188	↓ 1	43	Angola	2.254	↑ 48	70	Sweden	0.735	↓ 4
17	Chile	5.679	↓ 1	44	Algeria	2.197	↓ 6	71	Switzerland	0.627	↓ 4
18	Kenya	5.616	↑ 1	45	Nepal	2.163	↓ 8	72	Cyprus	0.616	↑ 3
19	Philippines	5.383	↓ 1	46	Côte d'Ivoire	2.06	↓ 5	73	China	0.582	↑ 21
20	Egypt	5.221	↓ 3	47	Peru	2.045	↓ 6	74	Netherlands	0.577	↓ 4
21	Chad	4.987	↓ 1	48	Djibouti	2.035	↓ 3	75	Jordan	0.455	↓ 4
22	Palestine	4.966	↑ 6	49	Brazil	1.988	↓ 2	=76	Armenia	0.423	↑ 18
23	Yemen	4.951	↓ 1	50	New Zealand	1.947	↓ 2	=76	Uzbekistan	0.423	↓ 4
24	Benin	4.898	↑ 3	51	Belgium	1.904	↑ 11	78	Paraguay	0.241	↓ 5
25	Togo	4.67	↑ 5	52	Canada	1.753	↑ 4	=79	United Arab Emirates	0.233	↓ 2
26	Iran	4.464	↓ 1	53	Norway	1.747	↓ 3	=79	Iceland	0.233	↓ 2
27	Uganda	4.377	↑ 22	54	Ukraine	1.686	↑ 20	81	Malaysia	0.192	↓ 5

Fonte: (IEP, 2024: 6).

Se há uma década a maior parte dos ataques terroristas ocorriam no Médio Oriente, e o conflito Israelo-Palestiniano¹⁹ voltou a registar atentados significativos em volume e número de mortos, também é verdade

¹⁹ «Embora Israel tenha sofrido o maior ataque terrorista em 2023, não foi não foi o país mais afetado pelo terrorismo. O Burkina Faso está ocupa agora o primeiro lugar no ranking do GTI. Nos 13 anos que o GTI abrange, é a primeira vez que um país, com exceção do Afeganistão ou do Iraque, está no topo do índice, que não o

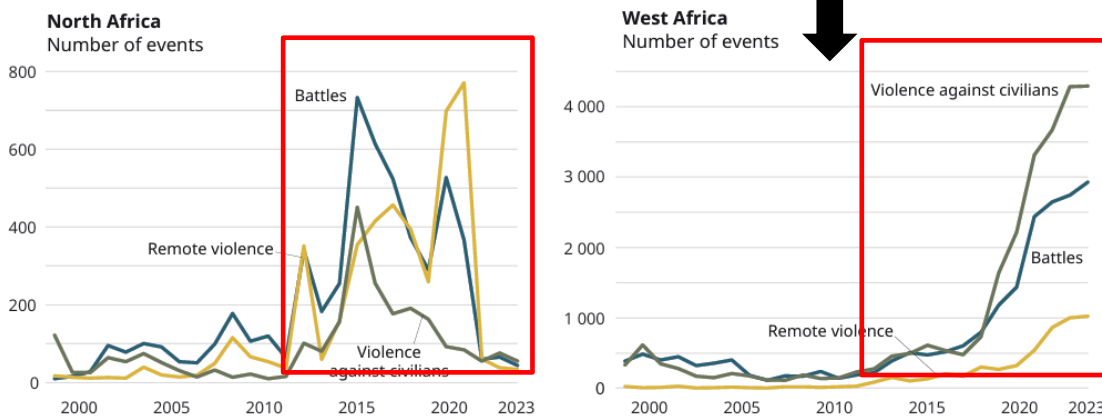
que o enfoque de a violência política sobre civis se está a transferir para o Sahel, uma área geográfica que regista violência crescente nos últimos anos, sobretudo em Burkina Faso e no Mali, para desespero das populações e por falta de governabilidade dos Estados envolvidos.²⁰

Ao consultar os Gráfico 1 e 2, é possível constatar as diferenças registadas no Norte de África e na África Ocidental, sobretudo entre 2010 e 2023. A Norte, os atentados parecem incidir cada vez menos sobre civis, ao contrário do que acontece a Ocidente, na região do Sahel.

Gráfico 1: N.º Ataques Terroristas no Norte de África (2024)



Gráfico 2: N.º Ataques Terroristas na África Ocidental (2024)



Fonte: Radil e Walther (2024: 12)

Afganistão ou o Iraque. Quase 2.000 pessoas foram mortas em ataques terroristas em 258 incidentes no Burkina Faso, o que representa quase um quarto de todas as mortes por terrorismo a nível mundial. O impacto do terrorismo no Burkina Faso tem aumentado todos os anos desde 2014, com o terrorismo também aumentou nos países vizinhos, Mali e Níger. No Burkina Faso, em 2023, as mortes causadas pelo terrorismo aumentaram 68%, apesar de os ataques tenham diminuído 17%» (IEP, 2024: 2)

²⁰ «The epicenter of terrorism has now conclusively shifted out of the Middle East and into the Central Sahel region of sub-Saharan Africa. There were just under four thousand deaths from terrorism in the Sahel in 2023, or 47 per cent of the total. The increase in terrorism in the Sahel over the past 15 years has been dramatic, with deaths rising 2,860 per cent, and incidents rising 1,266 per cent over this period. Burkina Faso, Mali and Niger account for most of the terrorism deaths in the region. All three face uncertain futures, having suffered from coups, weak governance, and fragile relations with neighboring countries (...)» (IEP, 2024: 3)

Nos Gráficos 3 e 4 confirma-se que é sobretudo no Sahel Ocidental que o número de mortos está a aumentar, com base em mais pelejas, insurgências ou ataques; ao contrário do que acontece a Norte, onde Estados como Marrocos e a Argélia controlam mais os protestos ou são mais bem-sucedidos em atividades de contra-terrorismo.

Gráfico 3: N.º Fatalidades dos Ataques Terroristas no Norte de África (2024)

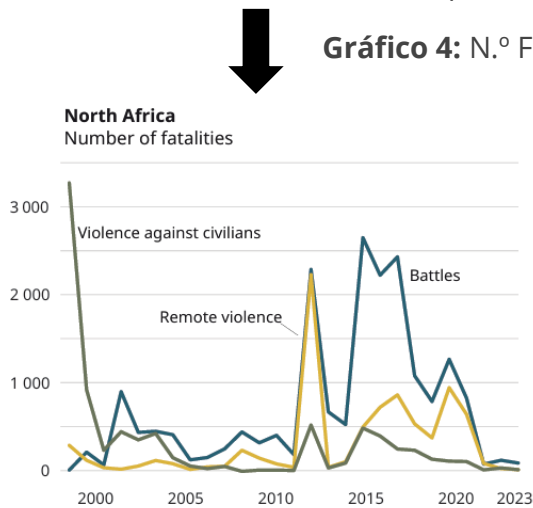
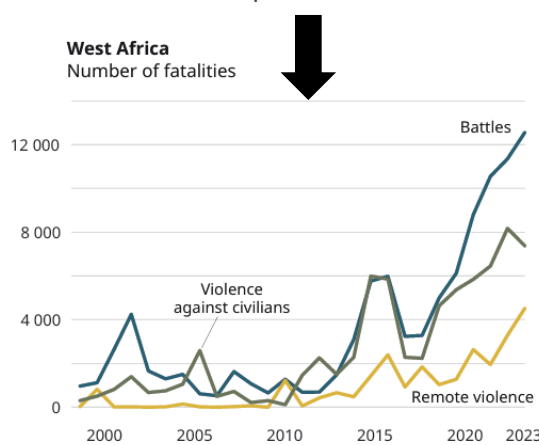


Gráfico 4: N.º Fatalidades dos Ataques Terroristas na África Ocidental (2024)



Source: Authors based on ACLED data (ACLED, 2024[6]).

Fonte: Radil e Walther (2024: 13)

O sentimento de insegurança e de agressividade crescente no Sahel resulta da tensão social que existe nas suas fileiras, sobretudo junto às fronteiras; ou que resultam de rituais longevos com os quais os respetivos povos se identificam e preferem manter dominantes, também em contraponto a modelos de organização social externos, ou mais modernos e progressistas, que acusam de colonizar ou bloquear o progresso local ou regional.

A tendência, portanto, é para os povos do Sahel procurarem na tradição a solução para os seus problemas. O que não significa que não haja exceções à regra, por influência das redes sociais e demais conteúdos virtuais

na internet ou divulgados por meios de comunicação estrangeiros, os parâmetros conservadores ainda são dominantes.

Mas este choque civilizacional em contexto de crise socioeconómica e com diferentes agentes coletivos a rivalizar entre si, contribui para a perpetuação do ambiente hostil que gera milhares de mortos e milhões de deslocados.

É por isso que é tão difícil erradicar o terrorismo no Sahel, apesar das alianças estratégicas desenvolvidas, regionais ou internacionais, com apoio da ONU e sob os princípios de Segurança Humana explicados no primeiro capítulo. Periodicamente surgem novos grupos insurgentes, que substituem outros já vencidos ou neutralizados pelo contra-terrorismo.²¹

Um dos exemplos mais recentes é o JNIM²², fundado por volta de 2017 e que atua sobretudo no Mali. É responsável por 112 ataques e quase 1100 mortes no ano de 2023, que destabilizam oportunisticamente as tensões locais e visam atingir, não só os que consideram ser traidores à sua causa, mas os próprios agentes que tentam apaziguar e resolver os problemas no terreno.²³

²¹ «Os esforços antiterroristas contra a JNIM incluíram a já extinta Operação Barkhane da França, criada em 2014 com o objetivo de expulsar grupos insurretos de cinco países: Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger. Com as tropas ocidentais se retiraram em grande parte da região, a JNIM continuou a sua campanha violenta em todo o Sahel. A JNIM continua a expandir o território sob o seu controlo no Burkina Faso e no Mali» (IEP, 2024: 15)

²² «O Jamaat Nusrat Al-Islam wal Muslimeen (JNIM) foi o terceiro grupo terrorista grupo terrorista mais mortífero em 2023, com 1 099 mortes e 112 ataques atribuídos ao grupo. No entanto, é provável que o número real de mortes pelas quais o grupo foi responsável seja muito superior, dado o número de ataques não reclamados ataques não reivindicados na região em que atua. Em 2023 foi a primeira vez que o grupo foi responsável por mais de mil mortes por terrorismo num único ano.» (Id. Ibid.)

²³ «A JNIM foi formada em 2017 na região do Sahel, na África Subsariana África subsariana como uma coligação de grupos insurretos salafi-jihadistas, incluindo o Ansar Dine, a Frente de Libertação Macina, o Al-Mourabitoun e o ramo saariano da Al-Qaeda no Magrebe Islâmico. Desde o seu aparecimento, a JNIM expandiu-se pelo Sahel Central, cometendo atos de violência contra civis, forças de segurança locais e operações antiterroristas, contra-terrorismo, compostas por militares internacionais e forças de manutenção da paz da ONU. O JNIM afirma que os seus objetivos são incitar os muçulmanos a oporem-se à opressão, expulsar as potências ocupantes da região do Sahel e implementar a governação islâmica. Os líderes da JNIM declararam que os seus declararam que os seus inimigos são a França e outros países que ajudam a França. A JNIM explorou com êxito as queixas locais contra os governos e as condições económicas e sociais, sobretudo no norte e centro no norte e no centro do Mali, para reforçar o recrutamento.» (Id. Ibid)

Conclusão

O Sahel é uma das regiões mais perigosas de África, assolada por conflitos armados, entre os quais alimentados por guerrilhas, grupos terroristas, milícias e mercenários, contribuindo para um contexto de conflito híbrido extremamente violento sobre as populações locais.

O Sahel possui vários grupos considerados terroristas, anti-sistémicos e oportunistas que, por razões políticas, são cruéis sobre civis ou pessoas desarmadas. Isto acontece sobretudo nos Estados mais frágeis do Sahel, seja por falta de governabilidade ou em países onde a democracia tem dificuldade em implementar-se, mesmo quando há eleições.

O terrorismo tende a ocorrer nos países do Sahel que possuem ou herdaram problemas internos. Quando há disputas territoriais: 1) junto às fronteiras; 2) pela posse ou uso de fontes de recursos naturais; 3) ou que resultam da transumância dos pastores ou dos povos nómadas ou do roubo de gado.

Há mais terrorismo em zonas com elevados índices de pobreza ou de instabilidade étnica; ou ainda quando as elites não conseguem controlar ou pactuam com o contrabando ou o tráfico (de drogas, de armas, humano ou de órgãos).

Mas é a violência que resulta de tensões religiosas, que mais tem colocando em risco a sobrevivência ou o bem-estar de quem reside nesse espaço árido, açoitado por secas. Os atentados jihadistas têm sido responsáveis por milhares de mortos e de feridos. Apesar de perpetrados por fundamentalistas, ou por fanáticos dos livros sagrados, costumam manipular povos e populações vulneráveis que enfrentam todas as dificuldades apontadas em cima.

O terrorismo é, portanto, um fenómeno que grassa no Sahel por razões políticas, religiosas e socioeconómicas. O que contribui para o sentimento generalizado de insegurança de muitos africanos que, à procura de

melhores condições de vida, optam pela emigração; ou recorrem ao estatuto de refugiado em zonas do mundo supostamente mais pacíficas.

Há alianças estratégicas regionais e internacionais que estão a ser desenvolvidas na região, com apoio da União Europeia e da ONU, para implementar medidas de prevenção do Terrorismo ou de contra-terrorismo, para punir ou reduzir a incidência destas atividades subversivas. Todavia, no Sahel não tem sido fácil erradicar a violência sobre civis por razões políticas, porque quando uns grupos são neutralizados outros surgem mais fortes, resultantes de dissidentes ou de mercenários que conseguiram fugir e se aliam a fundamentalistas que ainda não desistiram dos seus intentos criminosos.

REFERÊNCIAS

Livros e Artigos de Investigação:

- BOSSARD, Laurent (Dir.) (2014). “Un Atlas du Sahara-Sahel – Géographie Économie et Insécurité”. *Éditons OCDE*, Secrétariat du Club du Sahel et de L’Afrique de L’ouest, Cahiers de L’Afrique de l’Ouest, pp. 1-254.
- ESCORREGA, Luís Carlos Falcão (2009). “A Segurança e os “Novos” Riscos e Ameaças: Perspetivas Várias”. *Revista Militar*, N.º 2491/2492, Agosto/ Setembro, pp. 1-29.
- FARINHA, DIAS (2003). “O Sufismo e a Islamização da África Subsariana”. In GONÇALVES, António. *O Islão na África Subsariana*. Centro de Estudos Africanos, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Atas do 6º Colóquio Internacional: “Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana”, pp, 29-34.
- GROSS, Emanuel (2006). *The Struggle of democracy Against Terrorism: Lessons From the United States, the United Kingdom, and Israel*. Virginia: University of Virginia Press.
- MARCELINO, (2012). A “Primavera Árabe” e o Fluxo de Refugiados para a União Europeia: Comunicação num Cenário de Crise. *Nação e Defesa*, N.º 132, pp. 61-82.
- MCCAUL, Michael T. and MEEHAN, Patrick L. and KING, Peter T. (2013). “Boko Haram – Growing Threat to the U.S. Homeland”. *U.S. House of Representatives, Committee on Homeland Security*, September 13, pp. 1-39.
- MOSER, Caroline (2004). “Urban Violence and Insecurity: an Introductory Roadmap”. *Environment & Urbanization Brief*, N. 10, pp. 1-6.
- NEWMAN, Edward and KHIABANI, Pegah and CHANDRAN, Remi (2023). “Intercommunal Violence, Insurgency, and Agropastoral Conflict in the Lake Chad Basin Region”. *Small Wars & Insurgencies*, pp. 1-31.
- ROTARU, Mihaela (2023). “A geopolítica do Sahel: Terrorismo e Conflitos Securitários no Mali e no Chade”. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. *Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais*, pp. 1-114.

- SARAIVA, Luís (2019). "O Espaço da África Subsaariana". *Nação e Defesa*, N.º 151, p. 101-118.
- SOUSA GALITO, Maria (2013). "Terrorismo – Conceptualização do Fenómeno". *CESA/ CSG/ISEG-UL*, Working Paper N.º 117, pp. 1-25.
- SOUSA GALITO, Maria (2013). "Terrorismo na Região do Sahel". *CESA/ CSG/ISEG-UL*, Working Paper N.º 118, pp. 1-35.
- SOUSA GALITO, Maria (2017). "Boko Haram – Os Talibans da Nigéria". *CESA/ CSG/ISEG-UL*, Working Paper N.º 157, pp. 1-24.
- SOUSA GALITO, Maria (2019). "Sahel e Magreb – Ensaio sobre o Norte de África, uma Região em Convulsão". *CESA/ CSG/ISEG-UL*, Working Paper N.º 175, pp. 1-28.
- TESHOME, Wondwosen B. (2008). "Ethnicity and Political Parties in Africa: the Case of Ethnic-based Parties in Ethiopia." *The Journal of International Social Research*, Vol. 1/5, Fall, pp. 780-809.

Fontes da Internet:

- ACLED (2024). "Regional Overview – Africa – April 2024". *The Armed Conflict Location & Event Data Project* Publications, Bringing Clarity to Crisis, May 10th. URL: <https://acleddata.com/2024/05/10/regional-overview-africa-april-2024/>
- ADF (2024). "Civis do Sahel *Entre a Espada e a Parede* enquanto Rivais do Terrorismo se Defrontam". *Africa Defense Forum* (Revista Militar), Notícias Diárias, 2 de Abril. URL: <https://adf-magazine.com/pt-pt/2024/04/civis-do-sahel-entre-a-espada-e-a-parede-enquanto-rivais-do-terrorismo-se-defrontam/>
- ALCORÃO (s/d). Publicações Livro Esotérico, pp. 1-264. URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000001.pdf>
- AYANDELE, Olajumoke and ANIEKWE, Chika (2024). "A Decade after Chibok: Assessing Nigeria's Regional Response to Boko Haram". *ACLED – Bringing Clarity to Crisis*, April 16th. URL:

<https://acleddata.com/2024/04/16/a-decade-after-chibok-assessing-nigerias-regional-response-to-boko-haram/>

- FIRMIAN, Frederico M. (2024). “How Militia Groups Capture States and Ruin Countries: the Case of Sudan’s Rapid Support Forces”. *The Conversation*, July 17th. URL: <https://theconversation.com/how-militia-groups-capture-states-and-ruin-countries-the-case-of-sudans-rapid-support-forces-234650>
- IEP (2024). “Global Terrorism Index 2024”. *Institute for Economics & Peace*, Measuring the Impact of Terrorism, pp. 1-82. URL: <https://www.visionofhumanity.org/wp-content/uploads/2024/02/GTI-2024-web-290224.pdf>
- MACHADO, Manuel P. (2020). “Morreu Tchikuteny, o angolano com 42 mulheres e mais de 150 filhos”. *Jornal Observador*, 16 abril. URL: https://observador.pt/2020/04/16/morreu-tchikuteny-o-angolano-com-42-mulheres-e-mais-de-150-filhos/?cache_bust=1722434723850
- MISIKIR, Maya (2023). “Ethiopian Authorities Remove Terrorist Label From Tigrayan Party”. *VOA – Voice of America*, March 22. URL: <https://www.voanews.com/a/ethiopian-authorities-remove-terrorist-label-from-tigrayan-party/7016589.html>
- PNUD (1999). “Human Development Report 1999”. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento em parceria com a Oxford University Press*, pp. 1-133. URL: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdr1999ennostats.pdf>
- PNUD (2011). “Relatório do Desenvolvimento Humano 2011 – Sustentabilidade e Equidade: Um Futuro Melhor para Todos”. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*, Síntese, pp. 1-20. URL: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/human-development-report-2011-portuguese-summary.human-development-report-2011-portuguese-summary>
- PNUD (2024). “Desenvolvimento Humano – Relatório 2023/2024 – Acabar com o Impasse – Reinventar a Cooperação num Mundo Polarizado”. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*, Visão Geral, pp. 1-54. URL: https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/2024-05/relatorio_desenvolvimento_humano_2024_pnud_visao_geral_0.pdf

ISSN: 2975-9692

- RADIL, Steven and WALTHER, Olivier (2024). "Identifying Local Conflicts in North and West Africa". *OECD Publications, West African papers, March 9th, pp. 1-30.* URL: https://www.oecd.org/en/publications/identifying-local-conflict-trends-in-north-and-west-africa_886d1a06-en.html
- REIS, Bárbara (2017). "O Sahel Concentra Todas as Crises do Mundo". *Jornal Público, 07/02.* URL: https://www.publico.pt/2017/02/07/mundo/entrevista/o-sahel-concentra-todas-as-criSES-do_mundo-1761024
- THE FOUND FOR PEACE (2011). "The Failed States Index 2011". *FFP on-line, Global Data* URL: <http://www.fundforpeace.org/global/?q=fsi2011>
- THE FOUND FOR PEACE (2024). "The Fragile States Index 2024". *FFP on-line, Global Data* URL: <https://fragilestatesindex.org/global-data/>